



30º Encontro Anual da ANPOCS

GT07 - Estudos legislativos

ANA PATRÍCIA BAUER

**ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM PORTO ALEGRE:
QUEM DISSE TER INTENÇÃO DE VOTAR NO
CANDIDATO A PREFEITO DO PT?
(1996-2000-2004)**

Porto Alegre

2006

RESUMO

O presente trabalho busca encontrar o perfil do eleitorado que teve intenção de votar no candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, em Porto Alegre. Para isso delinea suas características, quanto ao sexo, a idade, a escolaridade e a renda. Além disso, o estudo procura testar a validade do *eleitorado petista típico*, traçado por César (1995), em nível nacional. Com essa finalidade, utiliza pesquisas de intenção de voto cedidas pelo CESOP, e para enriquecer a abordagem, faz uso da geografia eleitoral. O eleitorado petista de Porto Alegre é analisado internamente; comparado com os demais partidos a cada ano eleitoral, bem como, com a média do eleitorado porto-alegrense. Nota-se ao longo das três eleições analisadas, a “feminilização”, o envelhecimento do eleitorado do PT, assim como seu empobrecimento, e diminuição no grau de escolarização, e conseqüentemente, uma descaracterização do *eleitorado petista típico*, encontrado por César, em 1982, no Brasil. A partir da geografia eleitoral, notamos que o Partido dos Trabalhadores decresce significativamente nos bairros porto-alegrenses com alto e médio índice de desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Partido dos Trabalhadores. Condições sócio-econômicas. *Eleitorado petista típico*. Eleições Municipais. Porto Alegre. Pesquisas de intenção de voto.

ABSTRACT

The present work tries to define the profile of the electorate who intended to vote for the Workers' Party's mayor candidate, in the Municipal Elections of 1996, 2000 and 2004, in Porto Alegre. For that, this work outlines voters according to their gender, age, schooling and income. Besides, the study tries to test the validity of the '*Workers' Party typical electorate*', described by Caesar (1995), in a national level. It is used the intention of vote inquiries given by the CESOP, and to enrich the approach the study uses the electoral geography. The orkers' Party electorate of Porto Alegre is analysed internally; comparing with the others political parties in each electoral year, as well as, with the average of the electorate from Porto Alegre. It is noticed along three analysed elections, the "feminilização" and the aging of PT electorate, as well as their impoverishment, and reduction in their education level, and consequently, a tendency of characteristics changing of the typical Workers' Party electorate, found by Caesar, in 1982, in Brazil. From the electoral geography, we notice, that the Workers' Party decreases significantly in the districts with high and medium developmental rate, in Porto Alegre.

KEYWORDS: Partido dos Trabalhadores. Workers' Party. Social-economical conditions. *Workers' Party typical electorate*. Municipal Elections. Porto Alegre. Intention of vote inquires. Election poll.

1 INTRODUÇÃO¹

Ao analisar a história política de Porto Alegre a partir de 1947, Noll e Passos (1996), observam um eleitorado diversificado e mais identificado com as propostas de centro-esquerda (PTB entre 1945/66, MDB de 66/82 e de 1982 em diante, PDT e PT). Estudando a composição do legislativo municipal, os autores notam a predominância de partidos de oposição, bem como a representação de pequenos partidos na Câmara.

César et alli (2000), em pesquisa realizada em Porto Alegre – que teve como objetivo principal, identificar as razões de um fenômeno político singular: a vitória das coligações² partidárias de esquerda nas eleições de 1988, 1992 e 1996 para prefeito de Porto Alegre, ressaltam que o grau de interesse pela política neste município é bastante elevado, muito superior à média nacional e superior inclusive, à média constatada em muitos dos países onde a democracia encontra-se mais consolidada do que no Brasil. A partir da pesquisa, constataram que um em cada seis porto-alegrenses declarava-se muito interessado pelos assuntos relacionados à política. Além disso, foi possível apreender que mais da metade dos entrevistados votariam mesmo se o voto não fosse obrigatório. A simpatia por partidos políticos também foi um traço encontrado entre a população estudada.

O trabalho aqui proposto, também é motivado pelas consecutivas vitórias das coligações de esquerda nas Eleições Municipais para o cargo executivo - de 1988 a 2004, em Porto Alegre. A partir de uma perspectiva sociológica, o estudo procura traçar o perfil desse eleitorado das coligações de esquerda, a partir de agora chamado de eleitorado petista³. Para isso analisa as Eleições⁴ Municipais de 1996, 2000 e 2004 em Porto Alegre, para o cargo executivo. A partir de pesquisas de intenção de voto realizadas no período que antecede as eleições, cedidas pelo CESOP⁵, são analisadas características demográficas e sócio-econômicas, como sexo, idade, escolaridade e renda do eleitorado petista, e comparadas a cada ano eleitoral. Além dessa análise interna, essas características são comparadas com as

¹ Esse artigo é uma versão resumida do Trabalho de Conclusão de Curso que a autora realizou no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2005.

² Em 1988, coligação: PT/PCB; em 1992, PT/PPS/PSB/PV/PC e em 1996, coligação: PT/PCB/PPS.

³ Lembrando que para cada eleição são consideradas as coligações do Partido dos Trabalhadores.

⁴ Como recorte metodológico, são analisadas apenas essas três eleições.

⁵ O Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP) é uma iniciativa de caráter interdisciplinar, combinada entre os âmbitos acadêmico-científico e empresarial na área da pesquisa de Opinião Pública, Comportamento Político e Social e Metodologia de Pesquisa. O Centro está estruturado sobre uma composição tripartite inter-universitária e empresarial (UNICAMP, Universidades e Centros Científicos e Empresas de pesquisa) e tem como objetos a recuperação, organização e disponibilização para o pesquisador dos "surveys" realizados por empresas e instituições científicas nas áreas predominantes de opinião sobre política, sociedade, temas culturais, comportamento geral, além de dados socioeconômicos em educação. (<http://www.cesop.unicamp.br/>)

características sócio-econômicas do eleitorado dos demais partidos, com o intuito de encontrar alguma singularidade no perfil dos eleitores petistas. O eleitorado do Partido dos Trabalhadores também é comparado com a média do eleitorado porto-alegrense.

Além das pesquisas de intenção de voto, é utilizada a geografia eleitoral como ferramenta de análise. Para isso, são utilizados os resultados eleitorais⁶ oficiais das Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004 em Porto Alegre, para o cargo executivo, por sessão eleitoral, as sessões são agrupadas por bairro da cidade (conforme delimitação da Secretaria Municipal do Planejamento de Porto Alegre). Para atribuir a condição sócio-econômica de cada bairro, são utilizados dados do Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), agrupados num “Índice de Desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre” elaborado pelo NUPERGS (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio-Grandense).

De acordo com César (1995), a geografia eleitoral e as pesquisas de opinião têm sido os instrumentos mais comuns utilizados pela sociologia política para caracterizar e comparar os eleitores dos diversos partidos e candidatos, embora tenham as suas limitações. A geografia eleitoral possibilita identificar padrões eleitorais de uma determinada área, porém não consegue identificar as particularidades de cada segmento dentro dessa região. Nesse sentido, as pesquisas de opinião são mais eficientes, pois possibilitam a caracterização sociológica dos eleitores, no entanto tratam-se apenas de opiniões, tendências, intenções de voto, que diversas vezes se alteram até o momento do voto na urna.

Por isso, optou-se nesse trabalho por compatibilizar pesquisas de opinião e geografia eleitoral, com a intenção de diminuir as dificuldades que cada um desses dois instrumentos apresenta, e proporcionar uma análise mais rica. Vale ressaltar que não se procura com esse estudo esgotar o tema, tão pouco atribuir à perspectiva sociológica a explicação total para o fato político do Partido dos Trabalhadores ter comandado a prefeitura Municipal de Porto Alegre por dezesseis anos consecutivos, mas, apontar alguma relação ou não, entre perfil sócio-econômico do eleitorado e partidos políticos. Deste modo, o que se pretende é contribuir com os estudos sobre comportamento eleitoral, principalmente aqueles realizados em Porto Alegre, abordando o assunto por uma ótica pouco enfatizada, ou tida como pouco relevante, que, no entanto, pode acrescentar muito a esses estudos.

⁶ Esses dados foram disponibilizados pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-Rs).

2 O QUE É *ELEITORADO PETISTA TÍPICO*?

2.1 Objetivos do Trabalho

O presente trabalho tem como objetivos:

- a) Caracterizar o perfil do eleitorado dos candidatos petistas a prefeito em Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, quanto ao sexo, a idade, a escolaridade e a renda;
- b) comparar esses perfis, a cada ano eleitoral, de modo a verificar se há alguma regularidade na sua composição;
- c) comparar o perfil do eleitorado petista com o perfil do eleitorado dos demais partidos em 1996, 2000 e 2004;
- d) comparar o perfil do eleitorado petista de Porto Alegre com o perfil médio do eleitorado porto-alegrense;
- e) verificar se o eleitorado petista de Porto Alegre corresponde ao eleitorado petista típico, detectado por César (1995), em nível nacional.

2.2 Referencial Teórico

Nas democracias ocidentais e nos países desenvolvidos existe uma concentração de estudos acadêmicos sobre comportamento eleitoral, e especificamente sobre o voto. O mesmo não ocorre na América Latina, devido à ausência de uma tradição política estável e a realização de eleições em intervalos regulares, que ocorre naqueles países. Assim, é só na década de 1980¹, com os processos de abertura democrática na América Latina que se abre a possibilidade da realização regular de pesquisas sobre comportamento eleitoral, e de acumulação de conhecimento sobre as motivações e estímulos dos cidadãos em épocas eleitorais. (BAQUERO, 1997)

Entre as teorias mais recorrentes de explicação do voto, encontram-se a teoria psicológica do comportamento eleitoral, a teoria da sociologia política e a teoria da escolha racional. Não menosprezando as demais perspectivas de análise do comportamento eleitoral, o presente estudo baseia-se na teoria da sociologia política. Estudiosos dessa linha teórica, como Lipset (1967), preocupam-se com as condições sociais subjacentes aos fenômenos propriamente políticos, assim decisões individuais são compreendidas dentro do contexto dos diversos grupos sociais e em razão da importância dos determinantes sócio-econômicos,

¹Apesar desses traços gerais, no Brasil já se realizavam pesquisas de comportamento eleitoral em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, desde a década de 70.

culturais e da estrutura de classe na formação das clivagens sociais.

Como afirma Figueiredo (1991, p. 43):

[...] tais condições constituem o contexto na qual as instituições, as práticas, as ideologias e os objetivos políticos se formam e atuam. Nesse sentido, para compreender o voto de um jovem ou de um idoso é necessário conhecer seu contexto social e político: **onde** esses eleitores vivem e **como** vivem nesse contexto.

Portanto, o comportamento político deve ser analisado em seu contexto social e não como atividade autônoma. Não são os indivíduos e sim os coletivos que imprimem dinâmica à política; e o que precisa ser explicado são os resultados agregados dessas ações coletivas. Ainda de acordo com Figueiredo (1991, p. 49), para a explicação sociológica do comportamento eleitoral “[...] o comportamento político é função da natureza e da densidade das interações em que os indivíduos estão envolvidos, das opiniões que formam a partir daí e do estado sócio-econômico da sociedade na qual ocorre esse comportamento”.

De acordo com Lipset (1967), em todas as democracias modernas, o conflito entre diferentes grupos é expresso através dos partidos políticos que representam basicamente uma tradução democrática da luta de classes, para esse autor, além da classe social, diferenças religiosas, divisões étnicas ou de nacionalidade, lealdades regionais, diferença entre populações rurais e urbanas, sexo e idade são divisões estruturais da sociedade que se relacionam com o apoio partidário, alguns com uma correlação maior, outros menor.

O autor afirma ainda, que:

[...] os diferentes grupos de idade reagem ao seu ambiente político de acordo com as experiências significativas de sua geração. Qualquer análise sobre apoio partidário deve levar em conta a idade como fonte importante de diferenciação política, mas o conflito partidário não pode ser interpretado como conflito de gerações. (LIPSET, 1983, p. 404)

Lipset (1983, p. 411) quando trata das condições sociais que afetam a votação de esquerda diz que “[...] mesmo levando em conta que um grupo de pessoas esteja sofrendo certas privações sob o sistema sócio-econômico existente, isso não significa automaticamente, que tais pessoas apoiarão partidos políticos que visam mudanças sociais. Para que isso ocorra são necessárias, pelo menos, três condições: canais eficientes de comunicação, descrença na possibilidade de mobilidade social para o indivíduo e a ausência de laços tradicionalistas com um partido conservador”.

Entre os estudiosos que procuraram estabelecer relação entre características sócio-econômicas dos eleitores e partidos políticos no Brasil, podemos destacar: Trindade (1978), Lima Júnior (1978), César (1995), Singer (2000), Carreirão (2001), entre outros.

Trindade (1978) procura integrar dimensões do comportamento eleitoral ao nível municipal no Rio Grande do Sul na fase multipartidária (1950/62) com as principais tendências observadas após a implantação do sistema bipartidário (1966/1974). Além disso, incorpora na análise uma tentativa de definir as bases sócio-econômicas do voto em Porto Alegre, a partir da relação entre a distribuição de votos da Arena e MDB e as características sociológicas dos bairros urbanos e suburbanos da capital.

De acordo com o autor, o MDB é o partido majoritário em Porto Alegre desde a implantação do sistema bipartidário. Além disso, Trindade (1978, p. 183) afirma que a partir da geografia eleitoral pode-se notar, quando os bairros são divididos de acordo com sua condição socioeconômica, “1. que os eleitores do MDB provêm de maneira mais significativa dos bairros populares do que dos bairros de classe média ou alta; 2. que em sentido inverso, a Arena tende a ser mais forte nos bairros de classe alta do que nos bairros populares”. Analisando o perfil evolutivo do voto nos 43 bairros de Porto Alegre na série eleitoral 1962/74, o eleitorado conservador-liberal não diminuiu sua força em nenhum bairro de Porto Alegre (apresentou crescimento em 33 bairros e manteve-se estável em 10), ao passo que o populismo somente cresceu em 2 bairros e decresceu em 21. Além disso, o autor nota a evolução dos votos brancos e nulos nas séries analisadas (e que a maioria desses votos não provêm dos bairros periféricos e suburbanos , mas dos bairros centrais, residenciais médio e alto).

Lima Júnior revela que (1978, p. 112):

[...] a posição na estrutura social, que, naturalmente, refere-se a um conjunto de fatores tais como sexo e idade, posição na ocupação, renda e educação tem sido vista como fator discriminador do eleitorado dos diversos partidos, na medida em que, associada aos interesses dos diversos grupos e classes sociais, bem como à percepção que tais grupos têm dos partidos políticos, permite diferenciar as preferências sociais por um outro partido.

Analisando as eleições de 1976, em Niterói (RJ), o autor percebe que, considerando o voto para prefeito, observa-se que, quanto mais alta for a posição do entrevistado na ocupação, maior a probabilidade de o eleitor preferir a ARENA; o mesmo ocorre com a renda familiar, no entanto, quanto maior a escolarização, maior é a probabilidade de o entrevistado votar no partido da oposição.

Singer (2000) sustenta que o eleitor decide seu voto a partir de predisposições de longo prazo e estímulos de curto prazo. Entre os estímulos de curto prazo, pode-se incluir o desempenho econômico dos governantes, além de outros tópicos que podem compor a agenda

de uma eleição e influenciar na orientação do voto. Como predisposições de longo prazo pode-se considerar a renda, a escolaridade, a identificação partidária e a identificação ideológica do eleitor. O autor, a partir da análise das pesquisas de intenção de voto realizadas em 1989, 1990, 1991 e 1993, em São Paulo, conclui que a identidade ideológica foi a melhor preditora do voto naquelas eleições, seguida pela identificação partidária, a escolaridade e a renda.

Carreirão (2001), a partir da análise de 4 surveys, confirma a idéia de Singer (2000) que afirma que o eleitor brasileiro, embora não possua um pensamento político estruturado, capta intuitivamente por meio de categorias como esquerda e direita o sentido geral das orientações dos partidos e candidatos. Assim, Carreirão mostra que há realmente uma correlação - de intensidade variando de moderada a substancial - entre o posicionamento numa escala esquerda-direita e o voto para presidente, para o conjunto do eleitorado brasileiro. A correlação varia de acordo com o grau de escolaridade dos eleitores: alta escolaridade - correlação forte, baixa escolaridade - correlação baixa.

César (1995), após análise dos dados sócio-econômicos dos eleitores petistas, a partir das pesquisas de intenção de voto realizadas pelo IBOPE em 1982, traça o que pode ser chamado de “voto básico do partido”, ou seja, aquele voto que explicita as características fundamentais de seus eleitores. As eleições para os governos estaduais de 1982, chamadas de fundacionais pelo autor, foram as primeiras realizadas após a reforma partidária de 1979, que instaurou o multipartidarismo no Brasil. Realizadas numa conjuntura de transição democrática, mas ainda sob a vigência de uma legislação restritiva, essas eleições foram o primeiro pleito de caráter quase geral no país durante a ditadura e adquiriram por isso, um caráter plebiscitário de repúdio, através do voto, ao regime ditatorial.

A legislação eleitoral da época, diz César, visando beneficiar o partido oficial da ditadura - o Partido Social Democrático (PDS), sucessor da antiga Aliança Renovadora Nacional (ARENA) - e por isso já implantado em todos os municípios do país, impôs a vinculação total dos votos, exigindo que os eleitores escolhessem, do vereador ao senador, candidatos de um único partido. Porém, devido ao caráter plebiscitário dessas eleições², houve uma estratégia de reação e protesto contra a ditadura - a prática que se denominou voto útil, isso acabou por beneficiar ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) sucessor do antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e não ao PDS, como se

² Em 1982 colocaram-se em disputa todos os cargos executivos e legislativos, excetuando-se apenas os cargos de prefeito das capitais estaduais, das cidades consideradas de segurança nacional e das estâncias hidro-minerais e o cargo de presidente da República.

esperava. Como o MDB era o único partido legal de oposição permitido durante a ditadura militar, teve maior facilidade de se instalar em quase todos os municípios, o que aumentou sua capacidade de apresentar chapas eleitorais completas e, conseqüentemente, de ser votado, diferentemente dos partidos de oposição recém formados.

Como afirma Noll (1995), a reforma de 1979 vai procurar quebrar a ampla frente de oposição ao regime militar, configurada no MDB, dando vãs, também, às diversas tendências políticas que ele abrigava e que, mais cedo ou mais tarde, conduziriam à formação de novos partidos. Na realidade, é o mesmo tipo de estratégia que implantou o bipartidarismo de 1966/1978, que visava desarticular a tendência a hegemonia de um partido político com apelo popular. (PTB).

César (1995) ressalta, que além da dificuldade de lançarem chapas eleitorais completas, os demais partidos de oposição tiveram uma dificuldade a mais imposta pela legislação eleitoral, a chamada “Lei Falcão”³, que restringia o horário eleitoral gratuito no rádio e na tevê à apresentação do *currículum vitae* de seus candidatos, impedindo que os partidos expusessem seus projetos, programas e plataformas de governo. Isso, mais uma vez beneficiou aos partidos melhor estruturados, que tinham candidatos em todos os municípios, e que assim conseguiram se aproximar mais do eleitorado.

Por tudo isso, segundo César (1995), os votos depositados naquela eleição, no Partido dos Trabalhadores – um partido efetivamente novo, sem qualquer vínculo com as antigas tradições políticas no país – foram votos de um eleitor típico que mesmo oprimido pelas restrições da legislação e pelas pressões conjunturais, decidiu, optar por aquela nova alternativa político eleitoral, que embora não tivesse chances de vencer a eleição merecia, por algum motivo o seu voto. Esse pode ser definido como “[...] o voto de afirmação máxima da identidade partidária de seus eleitores.” (CÉSAR, 1995, p. 134)

Dessa forma, o autor descreve o *eleitorado petista típico*⁴, como sendo majoritariamente de regiões metropolitanas, do sexo masculino, mais jovem, mais escolarizado e melhor remunerado do que a média do eleitorado brasileiro. Além disso, esse eleitor dedica-se profissionalmente às atividades do setor terciário da economia. Esse perfil foi detectado em 1982, e encontrado também nas eleições 1986, 1989 e 1990, analisadas por César (1995).

De acordo com o autor, o Partido dos Trabalhadores, por ser “contemporâneo da sociedade da qual faz parte, [...] expressa, através da composição social de sua militância e de

³ Lei criada em 1976, que vigorou até 1982. Faz referência ao sobrenome do Ministro da Justiça do período.

⁴ Grifo nosso.

seu eleitorado, características desta mesma sociedade.” (CÉSAR, 1995, p.198).

Em uma perspectiva diferente, Baquero (1997) levando em conta fatores novos como a globalização e uma nova forma de conceber a política, lança um olhar diferente daquele que as teorias sociológica e psicológica, geralmente utilizadas nas análises, lançam. Esses novos fatores poderiam estar proporcionando as bases para um novo tipo de eleitor mais pragmático e menos ideológico. Dessa forma, analisando o resultado da eleição municipal de Porto Alegre em 1996, que marcou o terceiro mandato do PT para o cargo de prefeito no município, o autor encontra um eleitor mais motivado por uma avaliação estratégica e racional da administração municipal, o que o levaria a dar um voto de confiança na continuidade administrativa.

2.3 Problema

Levando em conta as considerações dos adeptos da teoria sociológica do voto, e especialmente as contribuições de César (1995), a questão que o presente estudo levanta, é se o *eleitorado petista típico*, traçado em 1982, em nível nacional pode ser encontrado em Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004. Dessa forma o problema de pesquisa colocado é:

Como pode ser caracterizado o eleitor que tem intenção de votar nos candidatos a prefeito do Partido dos Trabalhadores nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004 em Porto Alegre, quanto ao sexo, a idade, a escolaridade e a renda? Existe alguma regularidade no perfil desse eleitorado, ao longo das três eleições? Há alguma singularidade do eleitorado petista em comparação com o eleitorado que disse ter intenção de votar no candidato dos demais partidos?

2.4 Hipótese

Como Porto Alegre fez parte da amostra que César (1995) levou em conta para encontrar o *eleitorado petista típico* em nível nacional, partimos do pressuposto que o eleitorado do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004 tenha um perfil similar ao encontrado por César.

2.4.1 Hipótese 1

O eleitorado petista de Porto Alegre é mais jovem, mais escolarizado e melhor remunerado do que a média do eleitorado porto-alegrense.

2.4.2 Hipótese 2

Ocorre uma modificação no perfil do eleitorado do Partido dos Trabalhadores, ao longo das três eleições municipais analisadas, que pode ter relação com a diminuição do total de votos depositados no partido.

3 UM POUCO DA HISTÓRIA POLÍTICA DE PORTO ALEGRE

3.1 O Trabalhismo em Porto Alegre

No período do Estado Novo os prefeitos eram nomeados pelo interventor. A eleição para prefeito de 1951 inaugura em Porto Alegre, a prática que se reproduzirá no Estado, de coligação do PSD com a UDN e o PL, com a finalidade de enfrentar o PTB crescente, assim, nesse ano foi eleito Ildo Meneghetti do PSD, com 1,23% a mais de votos que o candidato do PTB, Leonel de Moura Brizola. Em 1955, foi eleito Brizola, candidato do PTB; em 1959, Loureiro da Silva do PDC, e em 1963 Sereno Chaise do PTB. (NOLL e PASSOS, 1996).

O que se percebe é uma alternância entre o PTB e os partidos anti-PTB, embora, Loureiro da Silva, eleito em 1959, seja originário dos quadros do PTB, tendo rompido com o partido e se filiado ao PDC, como o último era um pequeno partido, uma hipótese razoável é que ele tenha se eleito, também, com votos do eleitorado trabalhista.

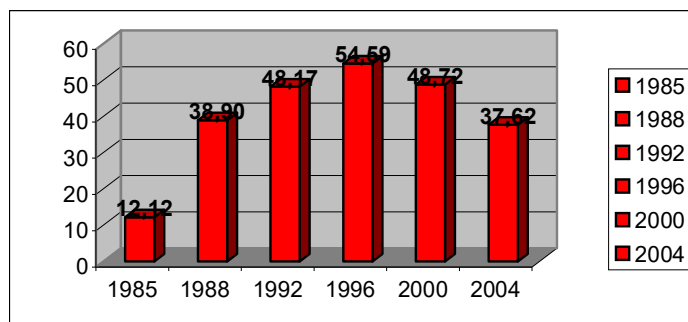
O golpe militar interrompe a experiência democrática onde o trabalhismo, no caso de Porto Alegre, era dominante. Em 1966 a reforma do sistema partidário implantando o bipartidarismo e criando a ARENA e o MDB transformou o quadro anterior que opunha PTB/anti-PTB, principalmente nas eleições majoritárias, num quadro de situação ou oposição ao regime. Nesse período os prefeitos eram nomeados pelo governo, portanto, representantes da ARENA, embora na câmara de vereadores persistisse desde 1945, uma tendência trabalhista e o MDB durante a ditadura. Com a redemocratização, em 1985 dando continuidade a tradição trabalhista na prefeitura municipal, foi eleito Alceu de Deus Collares do PDT. Em 1988, entra em jogo um novo partido com orientação trabalhista (mas numa vertente socialista, diferente do velho PTB), trata-se do PT, que conduzirá a prefeitura de 1988 a 2004, elegendo: Olívio de Oliveira Dutra, em 1988; Tarso Genro, em 1992; Raul Pont, em 1996 e novamente, Tarso Genro, em 2000.

Em 2004, rompe-se essa tradição trabalhista/petista, e é eleito José Fogaça do PPS⁵. Porto Alegre, portanto, é uma cidade marcada, majoritariamente, por partidos trabalhistas e/ou de esquerda.

3.2 O Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre

Analisando a inserção do Partido dos Trabalhadores nas Eleições Municipais de Porto Alegre desde sua formação, pode se perceber que o padrão de crescimento do partido é constante, evoluindo de 12,12 % dos votos válidos em 1985⁵, para 38,90% em 1988, quando consegue eleger seu primeiro prefeito na capital gaúcha. Com a implantação do segundo turno em 1992, o PT alcança 48,17% no primeiro turno, e 60,70% no segundo. Nas eleições de 1996, a vitória é assegurada no primeiro turno com 54,59 % dos votos válidos. Esses dados evidenciam o crescimento do partido ao longo do tempo, porém, o que se percebe a partir daí é um decréscimo no percentual de votos do partido, decaindo para 48,72% no primeiro turno de 2000, embora ainda tenha atingido 63,51% no segundo turno. E um novo decréscimo em 2004 quando atingiu apenas 37,62%, no primeiro turno, e registrou 46,68 % no segundo, o que fez com que o partido perdesse o cargo que ocupava por dezesseis anos na prefeitura municipal, conforme gráfico 1.

GRÁFICO 1:
Desempenho do PT no primeiro turno das Eleições Municipais de Porto Alegre (% de votos válidos)



Fonte: Tabulação especial da autora com base nos dados do TRE-RS e do NUPERGS

O padrão de crescimento do PT também pode ser notado através de seu desempenho na Câmara de Vereadores. Em 1982 o partido conseguiu eleger apenas um vereador; em 1988 elegeu nove das trinta e três cadeiras. Em 1992 elegeu dez vereadores; em 1996 o número de vereadores do PT passou para quatorze; decaiu para dez em 2000, e em 2004, o partido acabou elegendo apenas oito, dos trinta e seis vereadores de Porto Alegre.

No quadro 1, pode-se observar as coligações que o Partido dos Trabalhadores realizou de 1988 a 2004.

⁵ O PPS é o antigo PCB que em 1992 trocou de nome.

⁶ Eleições realizadas só para prefeito para período administrativo de três anos.

QUADRO 1:
Coligações do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre

ANO ELEITORAL	COLIGAÇÕES DO PT
1988	PT/PCB
1992	PT/PPS/PSB/PV/PC
1996	PT/PCB/PPS
2000	PT / PCB / PSB / PC do B
2004	PT / PSL / PTN / PCB / PL / PMN / PC do B)

Fonte: Tabulação especial da autora com base nos dados do TRE-RS

Vale ressaltar, a “tradição” de escolha dos candidatos a prefeito do Partido dos Trabalhadores, em Porto Alegre. Em 1988, Olívio Dutra foi o candidato a prefeito do PT, e Tarso Genro seu vice; em 1992, Tarso Genro, que era o vice-prefeito na gestão anterior, passou a ser o candidato a prefeito, e Raul Pont o vice; para a eleição de 1996, seguindo o mesmo hábito, Raul Pont, que era vice, foi escolhido para candidato a prefeito, e o vice foi José Fortunati. Em 2000, rompeu-se essa tradição: foi negada a candidatura de José Fortunati a prefeito, o que fez com que o último rompesse com o PT, o candidato em 2000 foi Tarso Genro, e o vice João Verle. Já em 2004, como a eleição foi considerada difícil, procurou-se unir duas tendências do partido, DS (Democracia Socialista) e o MCS (Movimento de Construção Socialista), dessa forma foram escolhidos Raul Pont como prefeito e Maria do Rosário como vice, dois grandes nomes do PT gaúcho.

4 QUEM TEVE INTENÇÃO DE VOTAR NO CANDIDATO A PREFEITO DO PT?

4.1 Observações Metodológicas

O presente estudo é baseado em dados secundários, quais sejam, as pesquisas de intenção de voto realizadas pelo Datafolha e pelo IBOPE, em Porto Alegre, no período que antecedeu as Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004. Essas pesquisas foram organizadas e disponibilizadas pelo CESOP (Centro de Estudos de Opinião Pública), tanto o Centro de Estudos, como os institutos são conhecidos pela seriedade e confiabilidade de seu trabalho.

Assim, para cada ano eleitoral citado é utilizada uma pesquisa, embora em 2000 e 2004 tenha havido segundo turno, somente as pesquisas referentes ao primeiro turno serão empregadas, já que na primeira etapa há uma liberdade maior do eleitor fazer sua escolha eleitoral. São analisadas as pesquisas que foram realizadas no período próximo ao dia da eleição em cada ano, e que por isso se aproximam do resultado eleitoral oficial do TRE-RS. Assim, em 1996, é considerada a pesquisa realizada pelo Datafolha no dia 29/09/1996, que

tomou como amostra 780 entrevistas. Em 2000, a pesquisa feita pelo Datafolha no dia 22/09/2000, que levou em conta 839 entrevistas. E, em 2004, a pesquisa realizada em 24/09/2004 pelo IBOPE, com 805 entrevistados. Vale ressaltar que os percentuais dos resultados eleitorais são referentes aos votos válidos e os percentuais das pesquisas, levam em conta também os votos brancos e nulos.

QUADRO 2:
Dados referentes às pesquisas de intenção de voto (96-00-04)

DATA DA PESQUISA	DATA DA ELEIÇÃO	INSTITUTO	TAMANHO DA AMOSTRA	INTENÇÃO DE VOTO NO PT (questão estimulada)	RESULTADO OFICIAL DO TRE-RS (votos válidos)
29/09/1996	03/10/1996	Datafolha	780	50,9%	54,59%
22/09/2000	01/10/2000	Datafolha	839	45,3%	48,72%
24/09/2004	03/10/2004	IBOPE	805	36,8%	37,62%

Fonte: Tabulação especial da autora com base nos dados do CESOP e do TRE-RS

A partir da resposta à questão estimulada de intenção de voto a cada ano eleitoral, é traçado o perfil do eleitorado de cada partido, quanto ao sexo, a idade, a escolaridade e a renda.

Lembramos que a forma de apresentação das respostas à questão estimulada de intenção de voto, nos questionários era: número do candidato, nome do candidato e partido, optamos nesse trabalho por apresentar as intenções de voto apenas como partido.

A “média do eleitorado porto-alegrense” em 1996, 2000 e 2004 é proveniente das próprias pesquisas de intenção. Os resultados oficiais do TRE-RS são referentes ao cargo de prefeito municipal.

A institucionalização das pesquisas como ferramenta de referência tem possibilitado que se compreenda como os eleitores se posicionam na arena política, de que forma eles participam no processo eleitoral, quais são suas opiniões e através de que mecanismos eles escolhem seus candidatos em eleições competitivas. (BAQUERO, 1995)

Muito se tem falado da capacidade de as pesquisas de opinião influenciar o voto, mas é difícil auferir em que proporção às pesquisas eleitorais influenciam o eleitor. Investigações realizadas no Rio Grande do Sul abordando essa questão mostram que cerca de 2% dos eleitores admitiram mudar seu voto em função das pesquisas eleitorais. Essa percentagem, aparentemente pequena, pode ser decisiva em pleitos altamente competitivos com empate técnico. (BAQUERO, 1995)

4.2 Análise dos Dados Empíricos

Buscamos trazer a partir da análise dos dados algum esclarecimento a respeito das características dos eleitores e de suas preferências partidárias, esperamos encontrar a existência ou não de alguma regularidade na composição social do eleitorado do Partido dos Trabalhadores nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004 em Porto Alegre, e traçar alguma relação entre condições socioeconômicas e preferências partidárias.

4.2.1. O eleitorado do Partido dos Trabalhadores

Uma primeira etapa da análise é a descrição do perfil do eleitorado do Partido dos Trabalhadores nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, em Porto Alegre, quanto ao sexo, à idade, a escolaridade e a renda, com o intuito de verificar alguma regularidade na composição social interna desse eleitorado. Para isso, para cada uma das variáveis, será apresentada uma tabela desenvolvida a partir das pesquisas de intenção de voto e, para facilitar a visualização, foi incluída sua demonstração gráfica. Além disso, para as variáveis com mais de duas faixas, foi elaborada uma tabela mais concisa que procurará obedecer, ou ao menos se aproximar dos critérios que César (1995) utilizou em seu trabalho.

4.2.1.1 Sexo

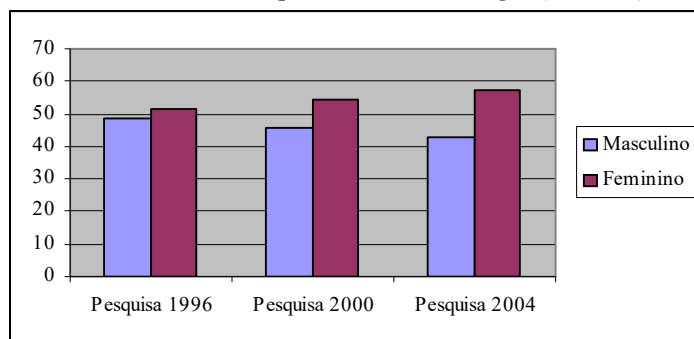
A partir das pesquisas de intenção de voto, podemos perceber que o eleitorado petista é nas três eleições analisadas, predominantemente feminino (em 1996, 51,6% são eleitoras, em 2000, 54,2%, e em 2004, 57,%), e que o percentual de mulheres vai aumentando ao longo do tempo, conforme TABELA 1 e GRÁFICO 2.

TABELA 1:
Sexo do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)

SEXO	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
Masculino	48,4	45,8	42,6
Feminino	51,6	54,2	57,4

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

GRÁFICO 2:
Sexo do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)



Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

4.2.1.2. Idade

Conforme a TABELA 2, podemos notar que quanto à idade, o Partido dos Trabalhadores tem em 1996, 15,9% do seu eleitorado na faixa “16 a 24 anos”, em 2000 essa camada passa a representar 19,7%, e 19,3% em 2004. Se somarmos as duas primeiras categorias (“16 a 24 anos” + “25 a 34 anos”), temos 44,9 % do eleitorado em 1996 com idade entre 16 e 34 anos; 41,3 % em 2000, e em 2004, 42,9% do eleitorado, a partir desses dados podemos considerar o eleitorado petista jovem, já que nesta faixa se concentra mais de 40 % do eleitorado. Se olharmos por outro ângulo, e levarmos em conta as faixas “25 a 34 anos” e “35 a 44”, concluiremos que o eleitorado petista de Porto Alegre pode ser considerado maduro, aproximadamente 50% dos eleitores concentram-se nessas duas camadas, em 1996 elas representavam 54,1% do eleitorado, em 2000 45,3% e em 2004, 48,9% do total do eleitorado.

As categorias, “45 a 59 anos” e “60 anos ou mais”, correspondem a 30% em 1996, 35% em 2000, e 31,8% em 2004.

Embora não existam traços bem definidos que possam caracterizar o eleitorado petista quanto à idade, vemos de forma sutil um processo de envelhecimento desse eleitorado. Observando o GRÁFICO 3, nota-se isso melhor: vai aumentando a faixa de “16 a 24 anos” (15,9% em 1996, 19,7% em 2000 e 19,3% em 2004), decaindo o percentual de pessoas de “25 a 34 anos” (29% em 1996, 21,6% em 2000 e 23,6% em 2004). A faixa dos “35 a 44 anos” mantém se praticamente igual, no entanto, vai aumentando o percentual de eleitores que têm mais de 45 anos (30% em 1996, 35% em 2000 e 31,8% em 2004).

Observando-se a TABELA 3, que se aproxima da categorização de César, que considera jovem o eleitorado com menos de 24 anos, concluiremos que o eleitorado do Partido dos Trabalhadores é “maduro”.

TABELA 2:
Idade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)

IDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
16 a 24 anos	15,9	19,7	19,3
25 a 34 anos	29	21,6	23,6
35 a 44 anos	25,1	23,7	25,3
45 a 59 anos	18,9	21,6	22,3
60 anos ou mais	11,1	13,4	9,5

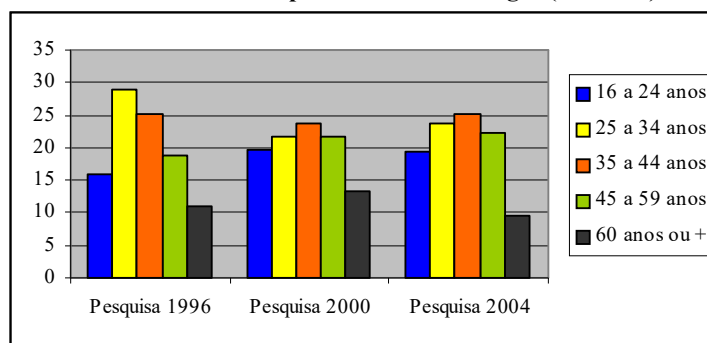
Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

TABELA 3:
Idade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04), conforme César (1995).

IDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
16 a 24 anos	15,9	19,7	19,3
25 a 44 anos	54,1	45,3	48,9
45 anos ou mais	30	35	31,8

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

GRÁFICO 3:
Idade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)



Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

4.2.1.3 Renda

Embora o eleitorado petista possa ser caracterizado como bem remunerado, na medida em que tem percentuais consideráveis de eleitores com rendimentos de “5 a 10 s.m.” (em 1996, 31,7%; em 2000, 27,6% e em 2004, 24,3%), e de “10 a 20 s.m.” (em 1996, 28,3%; em 2000, 18,8%, e 9,5% em 2004), conforme a TABELA 4. Ao analisarmos a variável renda na TABELA 5, percebemos que as faixas de menor rendimento vão crescendo ao longo do tempo, na medida em que as de maior rendimento vão decrescendo, caracterizando um empobrecimento do eleitorado ao longo das três eleições. Em 1996, 75,8% do eleitorado petista tinha rendimentos acima de 5 s.m., em 2000 esse percentual baixou para 53,6% e em 2004, caiu para 38,9%. Enquanto 24,1% recebiam até 5 s.m em 1996, 46,4% em 2000 e 57,1% em 2004. O GRÁFICO 4, ilustra isso de forma bastante clara.

TABELA 4:
Renda do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)

RENDA	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
Até 2 s.m.	7,1	14,3	22,3
De 2 s.m. a 5 s.m.	17	32,1	34,8
De 5 s.m. a 10 s.m.	31,7	27,6	24,3
De 10 s.m. a 20 s.m.	28,3	18,8	9,5
Mais de 20 s.m	15,8	7,2	5,1

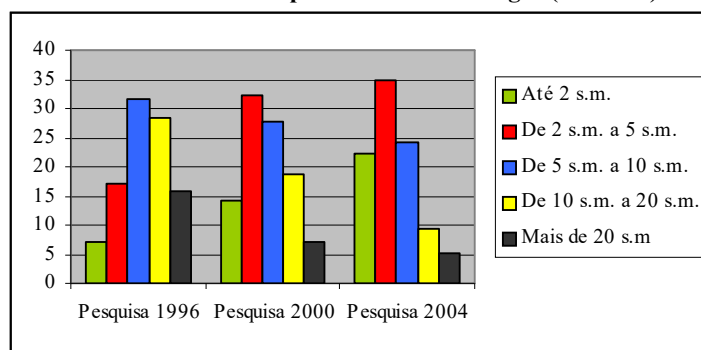
Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

TABELA 5:
Renda do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04), conforme César (1995)

RENDA	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
Até 2 s.m.	7,1	14,3	22,3
De 2 s.m. a 5 s.m.	17	32,1	34,8
Mais de 5 s.m.	75,8	53,6	38,9

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

GRÁFICO 4:
Renda do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)



Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

4.2.1.4. Escolaridade

Analisando o perfil do eleitorado petista em Porto Alegre quanto à escolaridade, percebe-se o alto nível de instrução do mesmo. Nas três eleições o eleitorado com “colegial completo ou mais” (TABELA 7), aproxima-se de 50%: em 1996 essa categoria atinge 53,4% do eleitorado, em 2000, 49,2% e 47,3%, em 2004. Esses são dados significativos, embora ao longo das três eleições o eleitorado vá ficando menos escolarizado, na medida em que aumenta o percentual na faixa de menor escolarização, em 1996, 22,9% do eleitorado petista encontrava-se na faixa “analfabeto até ginásio incompleto”, em 2000 esse número aumentou para 31,3% e em 2004, para 34,8%. Ao mesmo tempo em que diminui a faixa “ginasial completo e colegial incompleto”, em 1996 essa categoria representava 23,8% do eleitorado, em 2000, 19,4% e em 2004, 17,9%. Por outro lado é interessante ver que a categoria “superior

incompleto” (TABELA 6) aumenta, passando de 9,6%, em 1996; para 10,3%, em 2000, alcançando 14,2% do eleitorado em 2004; e que a categoria “superior completo e mais” decresce de 16% em 1996, para 14,2% em 2000, e 12,8% em 2004.

TABELA 6:
Escolaridade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)

ESCOLARIDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
Analf. até ginásio incompleto	22,9	31,3	34,8
Ginasial compl. E colegial incomp.	23,8	19,4	17,9
Colegial completo	27,8	24,7	20,3
Superior incompleto	9,6	10,3	14,2
Superior completo e mais	16	14,2	12,8

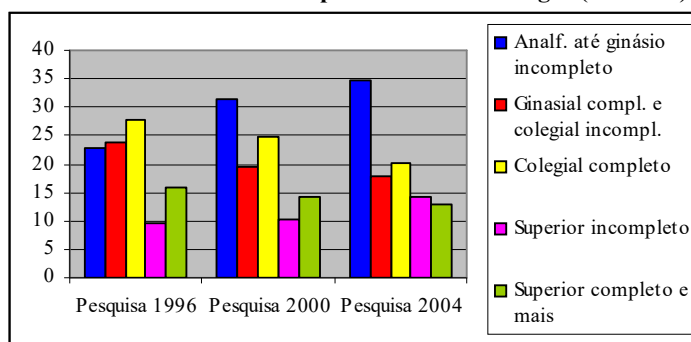
Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

TABELA 7:
Escolaridade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04), conforme César (1995)

ESCOLARIDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004
Analf. até ginásio incompleto	22,9	31,3	34,8
Ginasial compl.e colegial incomp.	23,8	19,4	17,9
Colegial e mais	53,4	49,2	47,3

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

GRÁFICO 5:
Escolaridade do eleitorado petista em Porto Alegre (96-00-04)



Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

Em traços gerais pode-se dizer que o eleitorado petista, analisado internamente, é um eleitorado predominantemente feminino, jovem e/ou “maduro”, bem escolarizado e remunerado que, no entanto, ao longo das três eleições analisadas, vai ficando mais feminino, envelhecendo, ficando menos escolarizado e pior remunerado.

Considerando o *eleitorado petista típico* projetado por César (1995) em nível nacional, notamos que o eleitorado petista de Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, em Porto Alegre, aproxima-se do primeiro, sendo entretanto, mais feminino.

Mas antes de tirarmos maiores conclusões, é preciso comparar o eleitorado do Partido

dos Trabalhadores com o eleitorado dos demais partidos. Passemos então à próxima etapa.

4.2.2. O eleitorado do Partido dos Trabalhadores e o eleitorado dos demais partidos

Analisando o perfil do eleitorado do Partido dos Trabalhadores, em comparação com o perfil eleitorado dos demais partidos percebemos que ele se encontra nas posições mais elevadas, no sexo feminino, nas faixas mais jovens, mais escolarizadas e melhor remuneradas.

TABELA 8:
Comparação perfil do eleitorado do PT e o perfil do eleitorado dos demais partidos (96-00-04)

SEXO	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004	Média das posições
Masculino	1º	3º	4º	2,67
Feminino	5º	3º	2º	3,33
IDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004	Média das posições
16 a 24 anos	2º	3º	3º	2,67
25 a 44 anos	2º	2º	1º	1,67
45 anos ou mais	5º	4º	4º	4,33
RENDA	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004	Média das posições
Até 5 s.m.	5º	5º	3º	4,33
De 5 a 20 s.m.	1º	1º	3º	1,67
Mais de 20 s.m.	2º	4º	3º	3,00
ESCOLARIDADE	Pesquisa 1996	Pesquisa 2000	Pesquisa 2004	Média das posições
Analf. até ginásio incom.	5º	4º	2º	3,67
Ginasial compl. e colegial incom.	2º	4º	5º	3,67
Colegial e mais	1º	1º	2º	1,33

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

Observando a média das posições (TABELA 8), nota-se que o PT é, de 1996 a 2004, o 2º ou 3º partido com maior percentual de mulheres; e o 3º ou 4º com maior concentração de homens. O 2º ou 3º partido com maior percentual de eleitores de “16 a 24 anos”; o 1º ou 2º de “25 a 44 anos”; o 4º ou 5º, de “45 anos ou mais”, ou seja, comparado com os demais partidos é mais jovem. Quanto a renda, é o 4º ou 5º com rendimentos “até 5 s.m.”; o 1º ou 2º com rendimentos de “5 a 20 s.m.”; e o 3º com “mais de 20 s.m.”, em comparação com os demais, é bem remunerado. No critério escolaridade, ele é o 3º ou 4º na faixa “analfabeto até ginásio incompleto”; o 3º ou 4º com “ginásio completo e colegial incompleto”; e o 1º ou 2º com “colegial e mais”, também bem escolarizado.

Portanto, comparativamente aos demais partidos, o PT pode ser considerado mais jovem, melhor remunerado e escolarizado que a média, porém, os traços que mais chamam a atenção na análise, são aqueles já ressaltados na análise interna da composição do eleitorado

petista, ao longo das três eleições analisadas:

- a) a “feminilização” do eleitorado: em 1996 o PT era o partido com a menor concentração de mulheres, em 2000 passou a ser o terceiro e em 2004 o segundo com maior concentração de mulheres;
- b) o “envelhecimento” do eleitorado: em 1996, o PT era o segundo partido com maior concentração de eleitores na faixa “16 a 24 anos”, em 2000 e 2004, passou a ser o terceiro. Em 1996, era o segundo na faixa de “25 a 44 anos”, em 2000 continuava sendo o segundo, mas em 2004 passou a ser o partido com maior concentração de eleitores nessa faixa. A mesma tendência pode ser percebida na faixa “45 anos ou mais”, em 1996 o PT era o partido com menor número de eleitores nessa categoria, em 2000 e 2004 passou a ser o quarto;
- c) o “empobrecimento” do eleitorado: em 1996 e 2000, o Partido dos Trabalhadores era o partido com menor percentual de eleitores com rendimentos “até 5 s.m.”, em 2004 passou a ser o terceiro partido com maior concentração de eleitores nessa camada. Assim como na faixa de “5 a 20 s.m.”, em 1996 e 2000, era o partido com o maior percentual de eleitores nessa categoria, em 2004 passou a ser o terceiro. Com rendimentos “mais de 20 s.m.”, em 1996 o PT era o segundo partido com maior percentual de eleitores, em 2000 passou a ser o quarto e em 2004, o terceiro com maior concentração de eleitores nessa faixa;
- d) o “decréscimo” na escolarização: em 1996, o PT era o partido com o menor percentual de eleitores na categoria “analfabeto até ginásio incompleto”, passou a ser o quarto em 2000, e em 2004 já ocupava a segunda posição com maior percentual de eleitores nessa faixa. Em 1996, o partido era o segundo com maior concentração de eleitores na camada “ginasial completo e colegial incompleto”, passou a ser o quarto em 2000, e o quinto em 2004. Em 1996 e 2000, o partido ocupava a melhor posição na categoria “colegial e mais”, em 2004 passou a ocupar a segunda.

4.2.3 O eleitorado do Partido dos Trabalhadores e a média do eleitorado porto-alegrense

Comparando a média do eleitorado petista de Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, com a média do eleitorado porto-alegrense das três eleições (conforme TABELA 9), pode-se dizer que: quanto ao sexo, o eleitorado petista corresponde à média do eleitorado, ambos tem 45% do eleitorado composto por homens e 54% por mulheres. Comparando as faixas etárias, pode-se considerar o eleitorado petista um pouco mais jovem, na medida em que tem percentuais mais altos que a média, nas faixas dos 16 aos 44 anos, e

percentuais mais baixos que a média, na faixa acima de 45 anos.

Quanto à escolaridade, embora ocorra, como ressaltamos antes, uma queda nos níveis de instrução do eleitorado petista em 2004, o mesmo quando comparado com a média do eleitorado de Porto Alegre, apresenta uma escolarização maior. Ficando acima da média na faixa mais alta de escolarização, “colegial completo e mais”, praticamente empatando na categoria “ginasial completo e colegial incompleto”, e se encontrando abaixo da média nos níveis mais baixos de escolarização, “analfabeto até ginásio incompleto”.

Quando falamos da variável renda, mesmo que tenha ocorrido um empobrecimento do eleitorado petista ao longo das três eleições analisadas, podemos caracterizá-lo como um eleitorado melhor remunerado do que a média, na medida em que ultrapassa a média do eleitorado de Porto Alegre, na faixa de “5 a 20 s.m.”, mostra-se próximo da mesma, na faixa com rendimentos “mais de 20 s.m.”, e consideravelmente abaixo na categoria “até 5 s.m.”.

Assim podemos dizer que **o eleitorado petista básico nas Eleições Municipais 1996, 2000 e 2004 de Porto Alegre corresponde à média do eleitorado porto-alegrense no quesito sexo, porém é mais jovem, mais escolarizado e melhor remunerado do que a mesma, como o eleitorado petista típico traçado por César (1995), em comparação com a média nacional, exceto no critério sexo, no qual o autor encontra um eleitorado mais masculino.**

TABELA 9:
Média do eleitorado petista e média do eleitorado porto-alegrense

SEXO	Média PT	MÉDIA POA
Masculino	45,60	45,97
Feminino	54,40	54,03
IDADE	Média PT	MÉDIA POA
16 a 24 anos	18,30	17,00
25 a 44 anos	49,43	44,43
45 anos ou mais	32,27	38,60
RENDA	Média PT	MÉDIA POA
Até 5 s.m.	42,53	46,27
De 5 a 20 s.m.	46,73	41,97
Mais de 20 s.m	9,37	10,20
Não opinou	1,43	1,60
ESCOLARIDADE	Média PT	MÉDIA POA
Analf. até ginásio incom.	29,67	33,27
Ginasial completo e colegial incom.	20,37	21,20
Colegial e mais	50,85	46,23

Fonte: Tabulação especial da autora com base nas pesquisas do CESOP

5 LOCALIZAÇÃO DO ELEITORADO PETISTA

Além da análise interna e comparativa do eleitorado, procuramos identificar os padrões eleitorais dos bairros de Porto Alegre, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, especificamente, a localização do eleitorado petista, para isso, fazemos uso da geografia eleitoral. Com esse fim, utilizamos os resultados eleitorais oficiais do TRE- RS, por sessão eleitoral, agrupados por bairro de Porto Alegre, e para atribuir o grau de desenvolvimento de cada um desses bairros, utilizamos o “Índice de Desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre”¹, desenvolvido pelo Nupergs, a partir dos dados do Censo 2000, fornecidos pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística).

Esse índice é inspirado no Idese (Índice de Desenvolvimento Sócioeconômico), da Fundação de Economia e Estatística (FEE), que tem por objetivo mensurar e acompanhar o nível de desenvolvimento do Estado, de seus municípios e Coredes, informando a sociedade e orientando os governos (municipais e estadual) nas suas políticas socioeconômicas. O Idese, por sua vez, tem inspiração no IDH.

O “Índice de desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre” respeita a fórmula e os níveis de desenvolvimento do Idese: baixo desenvolvimento (índices até 0,499), médio (entre 0,500 e 0,799) ou alto (maiores ou iguais que 0,800), porém, leva em conta apenas sete² indicadores (que tem peso ponderado dentro de cada bloco), agrupados em quatro blocos que tem peso igual dentro do índice:

- a) educação: percentual de alfabetização de pessoas a partir de 15 anos (100%);
- b) renda: média dos rendimentos dos responsáveis por domicílio particulares permanentes (100%);
- c) saneamento e Domicílios: percentual de domicílios com rede geral de água canalizada em pelo menos um cômodo (50%), percentual de domicílios com rede geral de esgoto pluvial (40%) e média de moradores por domicílio urbano (10%);
- d) saúde: crianças nascidas abaixo de 2500 g (50%) e mortalidade infantil – abaixo dos cinco anos (50%).

Antes de começarmos a estudar os dados, é importante ressaltar as dificuldades, que fazem frente a essa análise: como os dados eleitorais são provenientes de uma instituição, o TRE-RS, e foram agrupados por bairros, de acordo com outra, a Secretaria Municipal de

¹ Esse índice foi elaborado por Ana Patrícia Bauer, Roberta Mallmann, coordenado por Manoel Caetano Passos, pelo prof^o André Marengo e a prof^a Maria Izabel Noll, todos da UFRGS.

² A FEE considera 12 indicadores.

Planejamento de Porto Alegre, além dos dados para elaboração do índice, serem procedentes do IBGE, e todas as instituições afirmarem que trabalham com os dados oficiais, ocorrem problemas do tipo: bairros apresentados pela Secretaria do Planejamento como oficiais, que não existem para o TRE-Rs, ou bairros que o IBGE considera, e não existem para a Secretaria do Planejamento e para o TRE-Rs, enfim obstáculos que temos que driblar, sem, contudo, invalidar o instrumento de análise.

Primeiramente, como já foi dito, a partir dos resultados oficiais, por sessão eleitoral, calculamos o número de votos por bairro, respeitando as delimitações da Secretaria do Planejamento de Porto Alegre, em seguida fizemos o cálculo do percentual de votos depositados no PT a cada ano eleitoral. Feito isso, estudamos o desempenho do partido, de acordo com o índice de desenvolvimento de cada bairro.

Foi possível apreender, analisando o desempenho do Partido dos Trabalhadores, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, nos oitenta bairros de Porto Alegre, que apenas em dois desses, bairro Farrapos e Lageado, o partido não diminuiu o percentual de votos. Na eleição de 1996, 44,37% dos eleitores do primeiro bairro, depositaram seu voto no candidato a prefeito do PT, em 2000, 43,91%, e em 2004, 46,33% dos eleitores, embora tenha ocorrido uma diminuição em 2000, em comparação com 1996, no ano de 2004 o percentual de eleitores aumenta (aumento de 1,96%, de 1996 para 2004). No bairro Lageado³, na Eleição de 2000, 30,09% dos eleitores votaram no PT e em 2004, 33,13%, ou seja, ocorreu um aumento de 3,04%.

Nos demais bairros o Partido dos Trabalhadores apresentou um decréscimo no percentual de votos, ano a ano. O desempenho do PT foi calculado a partir da subtração do % de votos obtidos pelo partido em 1996, do % de votos obtidos na eleição de 2004. ($\% 2004 - \% 1996$).

Considerando o desempenho do Partido dos Trabalhadores, de acordo com a classificação do “Índice de Desenvolvimento de Porto Alegre”, notamos que dos 18 bairros enquadrados na categoria “alto desenvolvimento” (índice superior a 0,800), 1 tem decréscimo de “10 a 15 pontos percentuais”, comparando o desempenho em 1996 e 2004, os outros 17 bairros tem decréscimo de “15 a 20 pontos percentuais”.

Dividimos os 59 bairros da categoria “médio desenvolvimento”, em três subcategorias, dos **20 primeiros**, 4 tem decréscimo de “mais de 20 pontos percentuais”; 14 de “15 a 20 pontos percentuais”; 1, diferença de “até 10 pontos percentuais” e 1 desses bairros

³ Não está disponível o % de votos do PT em Lageado no ano de 96, pelos motivos apontados antes, incompatibilidade entre as delimitações.

não possui dado eleitoral.

O perfil desses 20 bairros com “índice de desenvolvimento médio” é semelhante ao dos bairros de índice de desenvolvimento alto, apenas em 1 a diferença é de “até 10 pontos percentuais”, sendo que desses 20 bairros, 4 tiveram um decréscimo de “mais de 20 pontos percentuais”.

Dos **bairros intermediários** desta categoria, 3 tem diferença “de mais de 20 pontos percentuais”; 13 de “15 a 20 pontos percentuais”; 2 bairros tem diferença de “10 a 15 pontos percentuais”, de 96 para 2004, e 2 de “até 10 pontos percentuais”. Nessa sub-categoria, apenas 2 bairros tiveram decréscimo de “até 10 pontos percentuais”.

Dos **últimos 19** bairros desta categoria, 2 não decresceram; 2 tiveram diferença “até 10 pontos percentuais”; 8 de “10 a 15 pontos percentuais”, e 7 diferença de “15 a 20 pontos percentuais”.

Foi nos bairros de índice de desenvolvimento menor (menos de 0,69), que o PT decresceu menos, dos 19 bairros analisados; 2 cresceram; 2 tiveram uma diminuição de “até 10 pontos percentuais”.

Para o bairro Marcílio Dias, único caracterizado com “baixo desenvolvimento” de acordo com o “Índice de Desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre”, desenvolvido pelo Nupergs, não existem dados eleitorais.

Embora o partido decresça em 97,5% dos bairros, ao longo das três eleições, notamos que é nos bairros com maior índice de desenvolvimento, sobretudo, nos 40 com maior “índice de desenvolvimento médio”, que o Partido dos Trabalhadores teve o decréscimo mais significativo dos votos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos analisar as tendências ou regularidades do eleitorado petista, ao longo desses três anos eleitorais, com a finalidade de estabelecer alguma relação entre condições sócio-econômicas e o partido político, para com isso buscar ferramentas para compreender um fenômeno político singular em Porto Alegre: a vitória do PT, em quatro eleições consecutivas, de 1988 a 2004.

Após termos caracterizado o perfil do eleitorado dos candidatos petistas a prefeito em Porto Alegre, nessas eleições, quanto ao sexo, a idade, a escolaridade e a renda, e comparado-os a cada ano eleitoral, verificamos que o eleitorado petista é predominantemente feminino, jovem, bem remunerado e escolarizado, portanto, similar ao eleitorado petista típico traçado por César (1995). No entanto, paralelamente a isso, ocorre nitidamente, um processo de

“feminilização”; envelhecimento; empobrecimento e piora na escolaridade desse eleitorado, ao longo das três eleições.

Levando em conta o perfil do eleitorado dos demais partidos em 1996, 2000 e 2004, notamos que o eleitorado do Partido dos Trabalhadores destaca-se nas faixas mais jovens, mais escolarizadas e melhor remuneradas, especialmente em 1996 e 2000, no entanto, é possível notar o mesmo processo antes caracterizado.

Comparando o perfil do eleitorado petista com o perfil médio do eleitorado porto-alegrense, dessa forma verificando se o mesmo obedece ao *eleitorado petista típico*, detectado por César (1995) em nível nacional, notamos que o eleitorado do Partido dos Trabalhadores, nas Eleições Municipais de 1996, 2000 e 2004, corresponde à média do eleitorado porto-alegrense no quesito sexo, porém é mais jovem, mais escolarizado e melhor remunerado do que a mesma, como o *eleitorado petista típico* traçado em comparação com a média nacional, exceto no critério sexo, no qual o autor encontrou um eleitorado mais masculino.

Assim, embora pareça contraditório a primeira vista, o eleitorado petista se encontra acima da média de maneira geral, aproximando-se dessa forma do *eleitorado petista típico* encontrado por César, mas, ao mesmo tempo sofre um processo de transformação ao longo dos três anos eleitorais examinados, ficando mais feminino, mais velho, pior escolarizado e remunerado, o que acaba levando a um processo de descaracterização desse *eleitorado petista típico*. Esse processo certamente tem relação com o fato do Partido dos Trabalhadores, ter piorado seu desempenho nas Eleições Municipais para o cargo executivo em Porto Alegre: em 1996, 54,59% dos votos válidos foram depositados no PT, em 2000, 48,72% e em 2004, apenas 37,62% dos votos válidos no primeiro turno.

Através da geografia eleitoral, conseguimos notar que o partido decresce em 97,5% dos bairros analisados, de 1996 a 2004, especialmente naqueles com maior índice de desenvolvimento, sobretudo, nos 40 com maior “índice de desenvolvimento médio”.

Embora não seja o objetivo do presente trabalho, podemos arriscar algumas das causas para esse fenômeno político: o processo de mudança no perfil do eleitorado petista em Porto Alegre, dentre elas, citar o desgaste da administração petista, após dezesseis anos de governo na prefeitura municipal de Porto Alegre; o discurso de José Fogaça na campanha para a eleição de 2004, que não deixou espaço para o discurso petista; a CPI da segurança instalada em 1999, que pode ter manchado a credibilidade do partido; desavenças internas do PT; a decepção da população com o governo Lula, eleito presidente da república em 2002; a preocupação do PT com um discurso e um projeto para os “excluídos”, que pode ter deixado de lado a classe média, que majoritariamente votava no partido.

Além disso, podemos pensar na hipótese de que para reaver a administração municipal em Porto Alegre, na próxima eleição, o Partido dos Trabalhadores tenha que montar seu discurso e programa, focado especialmente nos bairros de classe média, sem, contudo, esquecer dos bairros menos desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

- ARTURI, Carlos S. As eleições no processo de transição à democracia no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil opinião pública, transição e eleições no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- BAQUERO, Marcello. Novos padrões de comportamento eleitoral: pragmatismo nas eleições municipais de 1996 em Porto Alegre. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **A lógica do processo eleitoral em tempos modernos**. Porto Alegre; Canoas: Editora da Universidade/UFRGS; Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, 1997.
- BAQUERO, Marcello. Opinião pública e pesquisas eleitorais. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil opinião pública, transição e eleições no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- CARREIRÃO, Yan de Souza. **Identificação ideológica e voto para presidente**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA. Porto Alegre. UFRGS, 2001.
- CÉSAR, Benedito Tadeu et al. **Pesquisa de opinião pública: a especificidade política de Porto Alegre**. Porto Alegre: LABORS/UFRGS, 2000.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. **Verso, Reverso, Transverso: o PT e a democracia no Brasil**. 1995. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1995.
- FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto: democracia e racionalidade**. São Paulo: Sumaré, 1991.
- GADOTTI, Moacir; PEREIRA, OTAVIANO. **Pra que PT: origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, 1989.
- LAMOUNIER, Bolívar; MENEGUELLO, Rachel. **Partidos políticos e consolidação democrática**. São Paulo: Braziliense, 1986.
- LIMA JÚNIOR, Olavo Brasil de. Articulação de interesses, posição sócio-econômica e ideologia: as eleições de 1976 em Niterói. In REIS, Fábio Wanderley (Org.). **Os partidos e o regime**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- LIPSET, Seymour. **O homem político**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- LIPSET, Seymour. Comportamento eleitoral. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevan (Org.). **Política e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1983. Vol. 1.
- NOLL, Maria Izabel. Partidos eleições no Rio Grande do Sul. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil opinião pública, transição e eleições no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- NOLL, Maria Izabel; PASSOS, Manoel Caetano de Araújo. Eleições Municipais em Porto

Alegre (1947-1992). **Cadernos de Ciência Política**, Porto Alegre, n. 4, 1996.

SINGER, André Vítor. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994. São Paulo: Editora da USP, 2000.

TRINDADE, Hélió. Padrões e tendências do comportamento eleitoral no Rio Grande do Sul. In: CARDOSO, Fernando Henrique; LAMOUNIER, Bolívar (Coord.). **Os partidos e as eleições no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CESOP: quest. 00704 1996, quest. 1581 2000 e quest. 02151 2004.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL RIO GRANDE DO SUL (TRE-RS). Disponível em: <<http://www.tre-rs.gov.br>>. Acesso em: 08 nov. 2005.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em: <<http://www.tse.gov.br>>. Acesso em: 28 set. 2005.

NÚCLEO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA POLÍTICA RIO-GRANDENSE. Disponível em: <<http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes>>. Acesso em: 01 dez. 2005